

Apresentação:

Mulheres que são (ou poderiam ser) referências para as Ciências Sociais.

Vania Sandeleia Vaz da Silva¹

Antes de apresentar quais artigos foram selecionados para esta edição da revista TEMPO DA CIÊNCIA gostaria de explicar a capa que é ao mesmo tempo um desafio visual, uma homenagem e um convite. Primeiro o desafio: quem são essas pessoas cujas fotografias estão aleatoriamente agrupadas? Quais delas são imediatamente lembradas apenas olhando para suas faces? Quais dentre estas “autoras” são mais conhecidas? Quais são completamente estranhas? Quais delas já estiveram presentes nas bibliografias das disciplinas que cursamos ou ministramos? Quais são suas obras principais ou mais conhecidas? Será possível lembrar rapidamente de algum tema, conceito, ideia, teoria, livro, capítulo, texto, ensaio, que já tenha sido lido, estudado, analisado ou incorporado por nós ao nosso trabalho acadêmico?

Agora a homenagem: cada uma dessas “autoras” mereceria já ter sido indicada, estudada, considerada como uma “referência” importante para alguma das três áreas das Ciências Sociais, embora não se trate apenas de antropólogas, sociólogas ou cientistas políticas. Daí o convite: na sequência revelo seus nomes e cito pelo menos uma obra de cada autora, que pode ser adequada para um “primeiro” encontro auspicioso – espero – para quem ainda não as conhece. Penso principalmente nas estudantes que não tiveram a oportunidade de estudar alguma das teorias, noções, conceitos, ideias destas pensadoras, que, enfim, não tiveram a chance de olhar para a realidade a partir da perspectiva de uma autora, pois é mais comum estudarmos “os clássicos” das nossas áreas – homens, brancos, ocidentais, (compulsoriamente heterossexuais), a maioria já mortos. Espero que outras teóricas sejam lembradas – por sua ausência na capa – e que sejam agregadas como referências e talvez se juntem ao cânone².

¹ Doutora (e mestre) em Ciência Política pela Universidade de São Paulo; graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná; professora de Ciência Política no curso de Ciências Sociais e no mestrado em Ciências Sociais na Unioeste, Campus de Toledo. E-mail: vaniasandeleiavazdasilva@yahoo.com

² Ênfase que se trata apenas de uma breve homenagem que tem como objetivo suscitar a curiosidade a respeito de quais seriam as “autoras” que mereceriam ser consideradas referências ou mesmo “clássicas” para as Ciências Sociais e que *poderiam* ou *deveriam* estar nas bibliografias das disciplinas que cursamos ou ministramos. Agradeço as indicações da professora Yonissa Marmitt Wadi (Pagu – Patrícia Rehder Galvão, Lélia Gonzalez, Gloria Evangelina Anzaldúa, Avtar Brah, Gloria Evangelina Anzaldúa, Gayatri Chakravorty Spivak e Rita Laura Segato); da professora Andreia Vicente da Silva (Audrey Richards, Ruth Benedict, Ruth Landes e Dyna Dreyfus); da professora Cristina Maria Quintão Carneiro (Saskia Sassen) e dos professores Eric Gustavo Cardin (Jane Addams e Beatrice Webb); Asher Brum (Beatriz Preciado e Margaret Archer); e Marco Antonio Arantes (Heleieth Saffioti e Margareth Rago). Admito que minha memória esgotou-se nas cientistas políticas (percebo bem que faltaram as brasileiras que mereceriam uma “capa” e homenagem à parte) e algumas das feministas clássicas. Mais informações a respeito das autoras e suas obras estão disponíveis na Internet e são facilmente acessíveis.



Começando com a primeira fotografia (da esquerda para a direita), a homenageada é a brasileira Patrícia Rehder Galvão, mais conhecida como Pagu (1910-1962), artista e autora de *Parque industrial (romance proletário)* (1933); a segunda é Simone de Beauvoir (1908-1986), autora do livro *O segundo sexo* (1949), essencial para iniciar uma crítica dos papéis de gênero; a terceira, Rosa Luxemburgo (1871-1919), escreveu sobre (e lutou pela) democracia socialista, como em *Reforma ou Revolução* (1899); em seguida está a anarquista Emma Goldman (1869-1940) que além de vários escritos políticos – sobre amores livres e a situação das mulheres – expõe seu pensamento político em uma belíssima autobiografia – *Vivendo minha vida* (1931) – que merece ser conhecida e divulgada; a quinta fotografia é de Hannah Arendt (1906-1975) fundamental para entender o poder e a política, tal como no livro *A condição humana* (1958); por fim, aparece a socióloga Jane Addams (1860-1935) autora do livro intitulado *Democracy and social ethics* (1902), entre vários outros temas que estudou (ganhadora do prêmio Nobel da Paz de 1931).



Na sequência, a primeira foto é da socióloga brasileira Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934-2010), autora do livro *Gênero, patriarcado, violência* (2004); a segunda é da cientista política indiana Neera Chandhoke que na obra *State and Civil Society: Explorations in Political Theory* (1995) analisa as relações entre Estado e sociedade em contextos não ocidentais; a terceira é a cientista política Chantal Mouffe que realiza uma reflexão instigante sobre a política contemporânea na obra *The Democratic Paradox* (2005)³; a quarta é a cientista política Ellen Meiksins Wood (1940-2016) cujo livro *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico* (2010) permite compreender as possibilidades e limites da cidadania atual; a quinta fotografia é da cientista política Carole Pateman que além de vários textos sobre democracia é autora da crítica feminista mais completa (e complexa) da teoria política no livro *O contrato sexual* (1995) que merece e precisa ser lido por todas as pessoas que estudam os “contratualistas” – Hobbes, Locke e Rousseau; a quinta fotografia é de Judith Butler⁴ que une a reflexão sobre o poder e sobre a psique no livro *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição* (1997); e a sexta fotografia é de Gayle Rubin autora de vários artigos importantes sobre gênero, alguns deles publicados no livro *Políticas do sexo* (2018) que mostra o quanto o tema do “sexo” sempre é “político”.

³ Que pode ser conhecida pelo artigo em português: “Por um modelo agonístico de Democracia” In: Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 25, p. 11-23, nov. 2005, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n25/31108.pdf>

⁴ Mais conhecida pelo livro *Problemas de gênero* e pela Teoria Queer, mas igualmente notável por sua teoria política.



Em seguida, a primeira é Angela Davis, autora do livro *Mulheres, raça e classe* (1981), fundamental para entender interseccionalidade; a segunda é Margaret Scotford Archer, autora do livro *Culture and Agency: The Place of Culture in Social Theory* (1988); a terceira fotografia é de Gayatri Chakravorty Spivak⁵, teórica e crítica pós-colonial indiana, autora do livro *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present* (1999); a quarta fotografia é de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004), que estudou a teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria queer e publicou o livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987); a quinta é da antropóloga brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), cuja obra e trajetória merecem atenção e estudo, autora de *Festas populares no Brasil* (1987); a sexta fotografia é da historiadora Luzia Margareth Rago, com vasta obra sobre mulheres e feminismo – anarquista – e autora do livro *Do cabaré ao lar – utopia da cidade disciplinar* (1985); finalizando com Donna Haraway⁶ co-autora do instigante livro *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (2001).



Na sequência, a primeira é a antropóloga Audrey Isabel Richards (1899-1984), autora de *The Multicultural States of East Africa* (1969); seguida da antropóloga Dina Dreyfus⁷ (1911-1999) autora de *Freud e os Abismos da Psique* (1963); a terceira é a antropóloga (clássica) Margaret Mead (1901-1978) cujo livro *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas* (1935) é bastante conhecido; a quarta é Avtar Brah, especialista em raça, gênero e identidade étnica, autora de *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities (Gender, Racism, Ethnicity)* (1996); em seguida está a antropóloga brasileira Alba Zaluar, autora de títulos famosos, dentre os quais destaca-se *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza* (1985); a sexta é a antropóloga argentina Rita Laura Segato⁸, autora de *La guerra contra las mujeres* (2016); e, por fim, está a fotografia de Martha Beatrice Webb (1858-1943), socióloga e economista, que escreveu sobre sindicatos e os problemas do capitalismo, como em *The History of Trade Unionism* (1894).

⁵ Mais conhecida pelo artigo “*Can the Subaltern Speak?*” – originalmente intitulado “Power, Desire, Interest” – que constituiu uma reflexão instigante sobre as relações de poder contemporâneas e está disponível na Internet: http://www.bahaiastudies.net/neurelithism/library/subaltern_speak.pdf

⁶ Um artigo fundamental para compreender o conceito de gênero escrito por ela contribui para uma “introdução” ao tema: “*Gênero*” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra (1991).

⁷ Foi esposa de Claude Lévi-Strauss, talvez seja lembrada como Dina Lévi-Strauss.

⁸ O texto “Os percursos do gênero na antropologia e para além dela” (1998) é uma boa introdução ao tema.



Por fim, a primeira fotografia é da socióloga brasileira Maria da Glória Gohn, autora do clássico livro *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (1997); a segunda é uma filósofa que problematiza o que é ser “mulher” e “mãe”, Elisabeth Badinter, autora do livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1988); seguida da antropóloga Ruth Landes (1908-1991) autora do interessante livro *A Cidade das Mulheres* (1947); e da antropóloga clássica Ruth Benedict (1887-1948) autora do livro *Padrões de Cultura* (1934); a quinta é a socióloga holandesa Saskia Sassen, autora do livro *The Global City: New York, London, Tokyo* (1991); a sexta fotografia é de Nancy Julia Chodorow, socióloga e psicanalista, feminista importante, autora do livro *A Reprodução de Maternidade: a Psicanálise e a Sociologia do Gênero* (1978); e a oitava fotografia é de Beatriz Preciado – atualmente Paul B. Preciado – que está aí porque escreveu um livro instigante *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (2004), enquanto ainda assinava como “Beatriz”, então cabe problematizar o que é “ser” mulher.

O convite é para que sejam feitas pesquisas a respeito das autoras lembradas aqui, que surja o interesse em contextualizar socialmente suas obras, teorias, ideias, conhecer suas trajetórias, divulgar suas “obras”, para que, de fato, seja possível nos apropriarmos criticamente de suas perspectivas a respeito da “realidade” social, cultural, econômica e política. Proporcionalmente, os currículos das disciplinas que cursamos e ministramos são dominados por referências – clássicas e contemporâneas – constituídas de livros, artigos, pesquisas, conceitos e teorias formuladas por “autores” – homens, brancos, europeus ou estadunidenses, predominantemente heterossexuais (compulsoriamente ou não), já mortos – que se tornaram “clássicos”, parte do “cânone”. Basta perguntarmos aos colegas de profissão para percebermos que é possível contar nos dedos (de uma mão) quantas “autoras” foram estudadas ou são consideradas “referências” nas disciplinas que cursaram ou ministram.

Claro que existem muitas outras autoras que mereciam estar na capa e receber a homenagem, mas estas, com certeza, poderiam ser consideradas referências para o estudo de temas que são fundamentais para as Ciências Sociais e, portanto, *deveriam* ser conhecidas, divulgadas, indicadas nas bibliografias dos cursos de graduação e pós-graduação nas áreas de Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Relações Internacionais, entre outras áreas das Ciências Humanas, que certamente seriam enriquecidas por uma polifonia de “gênero” – e mais ainda quando consideramos que várias destas autoras estão fora do “ocidente” europeu e dos Estados Unidos. Espero receber muitas críticas pelas “ausências” porque certamente muitas outras estudiosas, pensadoras clássicas e contemporâneas não estão incluídas aqui. Espero que muitas pessoas escrevam para a *Revista Tempo da Ciência* solicitando que a homenagem seja repetida em outra edição (ou várias) para que mais “mulheres” possam ser lembradas e conhecidas e, quem sabe, incluídas como referências ou clássicas da área⁹.

⁹ O e-mail da Revista Tempo da Ciência é: revistatempodaciencia@yahoo.com.br.

Nesta edição da revista TEMPO DA CIÊNCIA o primeiro artigo – *As representações midiáticas sobre as mortes violentas na tríplice fronteira* – escrito por Sandra Cristiana Kleinschmitt, doutora em Sociologia, foi baseado no terceiro capítulo de sua tese – intitulada *As mortes violentas na Tríplice Fronteira: números, representações e controle social: estudo comparativo entre Brasil, Paraguai e Argentina* (2016). Com o objetivo de analisar a forma como as forças culturais dominantes representam as mortes violentas na Tríplice Fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina. Apoiando-se na teoria da Criminologia Cultural, realiza uma abordagem comparativa de dados obtidos por meio de pesquisa documental – em jornais dos três lados fronteiriços – e também mediante entrevistas realizadas com um questionário semiestruturado.

A partir de uma cuidadosa análise dos dados a autora concluiu que as forças culturais dominantes do lado brasileiro representam as letalidades relacionadas aos mercados ilícitos transnacionais; enquanto no lado paraguaio existe uma divisão entre os motivadores relacionados ao narcotráfico e aos motivadores não relacionados ao narcotráfico; e, por fim, no lado argentino predomina a representação sobre motivadores interpessoais. Ressaltando que não pretende apontar se as “representações” são falsas ou verdadeiras, mas apresentar como é que “as forças culturais dominantes as concebem”, a autora apresenta alguns gráficos e quadros comparativos que mostram com clareza as diferenças entre as representações, as quais busca explicar por meio de sua análise.

O segundo artigo – *Márgenes estatales y movibilidades en las ciudades de frontera de Puerto Iguazú (Argentina), Foz do Iguazu (Brasil) y Ciudad del Este (Paraguay)* – escrito por Fernanda Maidana, doutora em Antropologia Social, problematiza uma suposta incapacidade de certas estruturas municipais de governo para regular e fazer cumprir a lei em áreas que compreendem o acesso a serviços e bens estatais no caso das áreas de fronteiras. Cidades de fronteira enfrentariam problemas para “fazer cumprir” algumas “leis”, devido sua situação geopolítica particular, expressa na presença e mobilidade de estrangeiros e de populações flutuantes. A autora descreve três casos, nas cidades de Foz do Iguazu, no Brasil; “Puerto Iguazú” na Argentina; e “Ciudad del Este” no Paraguai.

A autora chama a atenção para a construção de pessoas e espaços “marginais”, em relação aos quais a soberania do Estado seria frágil, de modo a justificar maior “intervenção estatal” e mostra como as “incapacidades” são aproveitadas para invocar a ordem, a lei e a legalidade enfatizando o Estado como centro único de autoridade, porém, também descreve diferentes formas e sentidos complexos que as experiências vivenciadas nas cidades da “Tríplice Fronteira” permitem perceber, pois existem formas diferenciadas para se referir à *legalidade* e à *ilegalidade* e também existem determinadas práticas escapam ao controle Estatal (dos municípios) ou competem com ele, portanto, seu artigo permite problematizar algumas noções e práticas de modo mais complexo, a partir das descobertas da sua pesquisa.

O terceiro artigo – *El proceso de formación y transformación de la frontera agraria moderna en Argentina: una aproximación a sus coordenadas geo-históricas* – de autoria do doutor em Geografia Esteban Hernán Salizzi apresenta uma análise das condições históricas e materiais nas quais aconteceu o avanço da fronteira agrária moderna na Argentina no final do século XX, ressaltando seu processo de formação e transformação, que, de acordo com o autor, contribui para compreender a expansão do modelo produtivo dos agronegócios. Seu argumento é que é fundamental considerar os vínculos entre o global e o local – articulando os processos gerais de ampliação do mercado agroalimentar mundial e os ciclos de expansão das atividades primárias em âmbito nacional, bem como seus efeitos locais.

A proposta do autor foi oferecer um marco geral de contextualização e interpretação para o estudo do processo de reorganização espacial que impõe a instalação de um modelo produtivo dos agronegócios em algumas áreas da Argentina. Buscando superar explicações parciais, argumenta que é relevante empregar a multiplicidade de escalas como instrumento metodológico e realiza uma leitura transversal de distintos momentos pelos quais passou a expansão do capital agrário na Argentina, sendo que as várias dimensões relacionadas com a atividade agropecuária requerem uma interpretação integrada que considere o contexto econômico mundial; o marco político e econômico nacional; a distribuição dos fatores de produção; a introdução de inovações técnicas; e a dinâmica populacional.

O quarto artigo – *A representação feminina nas câmaras baixas dos parlamentos na América Latina e a qualidade da democracia* – de autoria de Romer Mottinha Santos, Ana Paula Lopes Ferreira e Tiago Alexandre Leme Barbosa, analisa um tema muito importante para as Ciências Sociais que é a baixa representação da mulher na política. Trata-se de uma realidade observada em maior ou menor medida em vários países do mundo, incluindo o Brasil, e, considerando que pensar a igualdade de gênero inclui analisar a paridade representativa nos cargos políticos eletivos, então, estudar a presença das mulheres nos parlamentos em países da América Latina é fundamental para avaliar a qualidade da democracia em cada país, considerando indicadores internacionais.

A pesquisa teve dois objetivos, sendo o primeiro analisar qual a representação da mulher em países da América Latina e a qualidade democrática conforme o índice do ranking da qualidade da democracia; e, o segundo, analisar a relação entre os dois aspectos, ou seja, verificar se a maior ou menor representação das mulheres corresponde aos melhores ou piores índices de qualidade da democracia nos países selecionados da América Latina. A partir da metodologia de pesquisa quantitativa de análise de conteúdo, puderam identificar o número de mulheres eleitas nos parlamentos dos países da América Latina nas últimas eleições conforme o banco de dados do *Quota Database*.

O quinto artigo – *Os trabalhadores paraguaios nas cidades fronteiriças do Brasil* – de autoria do doutor Eric Gustavo Cardin, analisa a relação dos trabalhadores paraguaios com o mercado de trabalho das cidades brasileiras que fazem fronteira com o Paraguai. Diferencia e define trabalhadores “migrantes” de trabalhadores “fronteiriços” utilizando informações produzidas pelo IBGE e também dados derivados da sua pesquisa, realizada nas cidades brasileiras de Foz do Iguaçu e Guairá, vizinhas dos municípios paraguaios de Ciudad del Este e Salto do Guairá. Depois, analisa os resultados das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos trabalhadores paraguaios entre 2010 e 2015 com o intuito de acessar o perfil dos entrevistados, suas carreiras, processos de inserção laboral, práticas de trabalho e os conflitos diários no trabalho.

De acordo com o autor, a origem rural dos trabalhadores e suas famílias; e o baixo nível de educação fica destacado na maioria dos casos. Enfatiza dois aspectos: primeiro, a importância das redes sociais transnacionais na manutenção da dinâmica dos fluxos fronteiriços; e segundo, a observação da inserção desses trabalhadores paraguaios em práticas precárias de emprego nas cidades brasileiras. Mostra a distribuição dos migrantes no território brasileiro: é mais comum encontrar migrantes colombianos, peruanos e venezuelanos no norte do Brasil; bolivianos no centro-oeste; e argentinos, uruguaios e paraguaios no sul do país; áreas possuidoras de parques produtivos consolidados como a cidade de São Paulo recebem migrantes independente da nacionalidade. Destaca que parte desses migrantes paraguaios “estão desenvolvendo práticas laborais altamente precárias”.

O sexto artigo – *Trabalho “autônomo” e identidade: as vendedoras de produtos por catálogo e a organização das empresas Avon e Natura* – de autoria da doutora em História Cíntia Fiorotti, apresenta suas reflexões sobre as formas de trabalho vivenciadas e narradas pelas trabalhadoras envolvidas na venda de produtos por catálogo Avon e Natura em Guaíra, Paraná, com as quais realizou um estudo a respeito do significado e da importância que possui na construção de suas identidades. A autora problematiza o esforço do capital e de seus agentes para construir uma imagem positiva sobre os trabalhadores e trabalhadoras que estão envolvidos com ocupações tidas como “informais e precárias”, tentando “construir uma imagem” de que as trabalhadoras seriam “autônomas”, como escreve “frente as relações de exploração capitalista”.

A autora mostra que existe um estímulo para que as pessoas que vendem os produtos dos catálogos se vejam como “empresárias” e não como trabalhadoras subordinadas ao capital. Mostra que as experiências das trabalhadoras como vendedoras de produtos são “vivenciadas como exploração” pois “sofrem uma pressão imensa para admitirem e assimilarem as regras dessas empresas” e também são “alvo de tentativas sistemáticas da empresa em fazer com que se sintam “parte” ou “empresárias”, por meio de “métodos” de tentativas de controle e convencimento sobre as vendedoras – premiações, pagamento por produtividade, a presença fiscalizadora das supervisoras e todo material de propaganda comercial e ideológico. Porém, “as dinâmicas pelas quais essas empresas tentam estruturar sua dominação sobre as vendedoras esbarram nos valores, nas interpretações e nos interesses das trabalhadoras”.

O sétimo artigo – *Amor e guerra em Dr. Strangelove: paródias da Guerra Fria e da arma nuclear* – escrito por Rafael Antonio Duarte Villa, com livre docência e pós-doutorado em Ciência Política, em parceria com as estudantes Larissa dos Santos e Nayara Moraes da Costa, analisa os significados políticos do filme *Dr. Strangelove* (1964), no contexto da Guerra Fria. Ressaltam como as preocupações com as armas nucleares permitiram à obra de Stanley Kubrick examinar de maneira “criativa” paradoxos e situações tragicômicas da Guerra Fria em três planos, (1) por meio de metáforas e significados que decorrem das personagens; (2) ressaltando como o contexto militarista da Guerra Fria conduz ao paradoxo do surgimento de paixões militaristas; e (3) refletindo sobre o tipo de “loucura” que sugere a teoria da dissuasão. O filme constitui uma “metáfora” do “medo mútuo” durante a época da Guerra Fria, pois, na medida em que “nenhum dos dois lados conseguiria sobreviver a uma guerra nuclear” não existiria um “vencedor”, como numa guerra convencional, mas a destruição de todos.

No artigo são explorados os paradoxos que esse cenário possibilitou, tendo como foco o filme, mas remetendo a algumas das teorias de relações internacionais, com as quais dialoga criticamente. Como são enfatizados no artigo, “os efeitos da satirização cinematográfica de uma realidade tão complexa como a dissuasão nuclear da Guerra Fria tendem a problematizar uma concepção teórica que se inscreve numa tradição que racionaliza excessivamente os processos decisórios na política internacional” de modo que o filme pode ser pensado como “uma representação estética da Guerra Fria que seguramente oferece novas percepções sobre a política característica deste período” e assim possibilita engajar “o espectador em experiências indiretas de reflexão (sensoriais, sobretudo) que representações mais miméticas deste evento não seriam capazes de oferecer”.

A leitura do artigo convida a rever (ou assistir pela primeira vez) o filme e também conhecer algumas das teorias e abordagens clássicas a respeito das relações internacionais que permitem compreender não apenas os eventos do período estudado, mas os desdobramentos recentes que as relações entre as atuais “potências” vem assumindo.

O oitavo artigo – *Desigualdade Social e o Processo de Urbanização de Curitiba: O Caso do Jardim Parque Iguaçu* – escrito em parceria por Luiz Belmiro Teixeira e Maria Tarcisa da Silva Bega, constitui um esforço que visa “construir um modelo teórico” para analisar a dimensão urbana da desigualdade social brasileira, a partir de um estudo de caso – do bairro Jardim Parque Iguaçu, surgido do complexo de ocupações Bolsão Audi-União, em Curitiba, Paraná. Buscando contribuir na compreensão de uma das dimensões da desigualdade social brasileira – a dimensão socioespacial, que se manifesta em nosso processo de urbanização – identificaram que a relação entre “segregação espacial” e “desigualdade social” seria umbilical no caso brasileiro pois as principais cidades se desenvolveram reproduzindo a desigualdade.

Mostram que, no Brasil, desigualdade e urbanização se retroalimentam, gerando diversos problemas associados – como exclusão social, crise habitacional, segregação espacial, violência urbana e degradação ambiental. A cidade de Curitiba não fugiu a essa regra: durante as últimas quatro décadas se consolidou como uma das principais cidades do país, e, “da mesma forma que as demais metrópoles brasileiras”, o crescimento da cidade foi acompanhado pelo surgimento de várias “ocupações irregulares e favelas em toda sua malha urbana”, uma população “marginalizada espacial, social e economicamente”, mas com papel ativo na urbanização da cidade. Afirmam ter encontrado “o modelo teórico na proposta metodológica de Raymond Williams, em sua Sociologia da Cultura, que lê o mundo social enquanto um processo nos termos da hegemonia de Gramsci”, concluindo que o processo de urbanização de Curitiba levanta várias possibilidades e questões para futuras análises.

Agradecemos as contribuições que o conjunto dos artigos – com temáticas variadas, mas igualmente importantes – possam oferecer para o debate em torno do objetivo de compreender a realidade social, desde sua dimensão local até as relações internacionais. Reiteramos o convite para que mais pesquisadores e pesquisadoras incluam nas suas leituras – obrigatórias ou complementares – referências polifônicas do ponto de vista do gênero, da raça, da etnia, da “nacionalidade”, para que as descobertas sejam mais significativas para as Ciências Sociais. A seguir listo – em ordem alfabética, por sobrenome, as autoras que estão na capa e que foram lembradas mais facilmente pelas pessoas que contribuem como conselho editorial da *Revista Tempo da Ciência*. A referência completa das obras é facilmente acessível pela Internet – e, em vários casos, existem várias edições disponíveis (algumas on-line, pois já existem como domínio público). A pesquisa a respeito da “vida” e “obra” das autoras poderá constituir um momento de descoberta, na medida em que são apresentados vários resultados contendo comentários às obras clássicas citadas, bem como vídeos e demais materiais que podem contribuir com uma primeira aproximação.

Sugestões para uma primeira leitura:

- ADDAMS, Jane. *Democracy and social ethics* (1902)
- ANZALDÚA, Gloria Evangelina. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987)
- ARCHER, Margaret Scotford. *Culture and Agency: The Place of Culture in Social Theory* (1988)
- ARENDT, Hannah. *A condição humana* (1958)
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1988).
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo* (1949)
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada: padrões da cultura japonesa* (1946)
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities (Gender, Racism, Ethnicity)* (1996)
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição* (1997)
- CHANDHOKE, Neera. *State and Civil Society: Explorations in Political Theory* (1995)
- CHODOROW, Nancy. *A Reprodução de Maternidade: a Psicanálise e a Sociologia do Gênero* (1978).
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe* (1981)
- DREYFUS, Dina. *Freud e os Abismos da Psique* (1963)
- GALVÃO, Patrícia Rehder (Pagu) *Parque industrial (romance proletário)* (1933)
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (1997)
- GOLDMAN, Emma. *Vivendo minha vida* (1931)
- GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil* (1987)
- HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue : as vertigens do pós-humano* (2001).
- LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres* (1947)
- LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução* (1899)
- MEAD, Margaret . *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas* (1935)
- MOUFFE, Chantal. *The Democratic Paradox* (2005)
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual* (1995).
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual* (2004).
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar – utopia da cidade disciplinar* (1985).
- RICHARDS, Audrey Isabel. *The Multicultural States of East Africa* (1969)
- RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo* (2018)
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência* (2004).
- SASSEN, Saskia. *The Global City: New York, London, Tokyo* (1991)
- SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres* (2016).
- SPIVAK, Gayatri C. *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present* (1999)
- WEBB, Beatrice. *The History of Trade Unionism* (1894)
- WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico* (2010)
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza* (1985)